

objetos com histórias
**Partilha, São Paio
de Oleiros**

objetos com histórias

Partilha, São Paio de Oleiros



Aviso para colar na porta do frigorífico

Ao entardecer no topo da colina
repara como as urtigas e os freixos
resistem à estação seca

fala a viajantes e examina suas cartas
entra em contacto com navios costeiros
de passagem para mercados longínquos
certifica-te do latir do cão e da pisada do cavalo

perde o fôlego seguindo a nuvem
quando restar dela uma cor apenas
espante-te ainda sua vontade
de recomeçar vezes sem fim

as multidões entretêm-se
com milagres que ocorrem
nos livros de contabilidade
tu ao contrário procura
estrelas distintas
que arrastem às sacudidelas
o peso do teu arado



08 objetos com histórias

10 as histórias

- 12 José Manuel e o ciclo poético do fabrico de papel
- 24 Nossa Senhora da Saúde e a necessidade de invocar:
as entrelinhas pela voz do padre Gonçalo
- 40 Farol Anthero e os barcos Carla e José:
a história de uma biblioteca que nos move
- 50 Envelhecer em liberdade: a história de uma fundação nas mãos
de Fernando
- 60 Senhor Latada e o Vouguinha: a parceria mais bonita do país
- 72 António Carvalho e a poderosa árvore do ciclismo
- 84 Casa Sameiro e o voo da infância nos braços da irmã Eduarda,
irmã Salete e Susana
- 96 Dois Carlos, um Joaquim e a identidade andebolista
de São Paio de Oleiros

108 agradecimentos



objetos com histórias

Neste livro desenhamos – com palavras, fotografias e ilustrações – a freguesia de São Paio de Oleiros em oito histórias contadas por vozes muito distintas. É uma homenagem presente ao património que são as pessoas, os lugares e os objetos aqui representados, rumo a um futuro de memória.

A atividade “Objetos com histórias” insere-se na Operação Individual Local 2940 – Os Abraços que a Feira Sabe Dar, que integra o plano TEAR – Tempo de Envolvimento e Ação em Rede, promovido pelo Município de Santa Maria da Feira, enquadrado no Plano de Ação das Comunidades Desfavorecidas

e financiado pelo Plano de Recuperação e Resiliência de Portugal.

Partilha, São Paio de Oleiros é o resultado de uma atividade de cocriação, que valoriza o seu património na construção de lugares para as vozes das suas pessoas.





as histórias





José Manuel e o ciclo poético do fabrico de papel

Aprender sobre o fabrico de papel é essencialmente saber respeitar o poder de um ciclo. Foi isso que José Manuel me ensinou nas entrelinhas de uma conversa passeada e passada na Fábrica de Papel da Lapa, em São Paio de Oleiros. À medida que caminhávamos e acompanhávamos os processos de produção, fui conhecendo as gerações que por ali estiveram e aquelas que agora as sucedem. Neste vai e vem constante, percebi que acabamos por voltar sempre ao princípio, mesmo que não pelas nossas próprias mãos, mas por aquelas de quem nos representa. E é esse movimento sequencial de manufaturação e amor que esta história se arrisca a reproduzir.

I. Os restos e o antes

Num tempo anterior a 1936, a avó de José Manuel Alves Couto trabalhava numa fábrica de papel que ficava exatamente onde se encontra a que hoje visito. Na altura as características da produção ainda eram arcaicas, com pormenores que o neto recorda, como o facto do papel ser seco ao sol. A verdade é que se fazia aqui o que ainda agora se faz: começava-se pelos restos – nada mais nada menos que cartão já usado à espera de ser transformado.

II. Primeira mutação e o embrião

Em 1936, os pais de José Manuel migraram dentro do país, de Paços Brandão para o Porto, onde abriram, ainda nesse ano, um armazém de sucatas e papel velho. “O meu pai era filho de uma senhora que tinha estado nesta fábrica e sempre teve o bichinho do papel”, conta José a dar indícios do futuro. Antes de cumprir esse sonho, era necessário que o seu pai se desfizesse do presente que o ocupava, tal qual acontece aos restos de cartão com que se começa a produção: vão para uma máquina que os fragmenta para que se possa continuar.



III. Separar e recomeçar

Trinta anos depois de ter investido numa vida no Porto, o pai de José Manuel regressa ao município de Santa Maria da Feira e compra a enigmática fábrica de papel, que então pertencia à sua mãe e irmãos. Nesta rua, que antigamente se chamava Lugar da Lapa, nasce então a fábrica que adota o nome do seu sítio. Inaugurada no dia 7 de março – aniversário de José, que diz não ter sido mera coincidência – estreia-se uma fábrica mais moderna. As mudanças permitiram a utilização de *diábolos* e outras ferramentas que expulsam tudo o que não é papel, como pequenos metais, plásticos e areias, dos fragmentos que já contemplamos.

IV. Da água ao reutilizar

Quando ficou responsável pela fábrica, José Manuel manteve a família por perto. Atualizou muitas máquinas, mas protegeu os e as funcionárias com quem partilhava laços de sangue e de carinho, bem como o lema: *reciclamos papel, evitamos o abate de quinhentas árvores por dia*. E assim é. Àqueles pedaços de papel antigo, mas já limpo, adicionam água para que juntos constituam a pasta que, devidamente seca e processada em métodos de maquinarias distintas, se torna novamente papel. Emerge, assim, um novo recuperado de um velho que ainda se distingue.

V. Novos restos e a continuidade

Atualmente, a Fábrica de Papel da Lapa produz cerca de doze mil toneladas por ano. Esta quantidade, ainda que

pareça pouca quando comparada a indústrias maiores, é um marco de património. Primeiro, porque já não há quase fábricas como esta no país e, segundo, porque se baseia e orgulha numa convicção de zero desperdício. Aqui tudo se reaproveita porque tudo tem continuidade. José Manuel já é reformado, mas mesmo assim vem à fábrica diariamente. Há um gosto especial em vê-la nas mãos de um filho e de um sobrinho neto, numa partilha intergeracional que parece não acabar. Aprendem uns com os outros, com amor ao apelido e orgulho na herança que carregam, sem medo de errar. Esse erro que levanta dúvidas: o que acontece aos papéis que se rasgam no processo de produção? São restos como tantos outros. Juntam-se aos cartões usados, voltamos ao início. Repetimos sem fim.





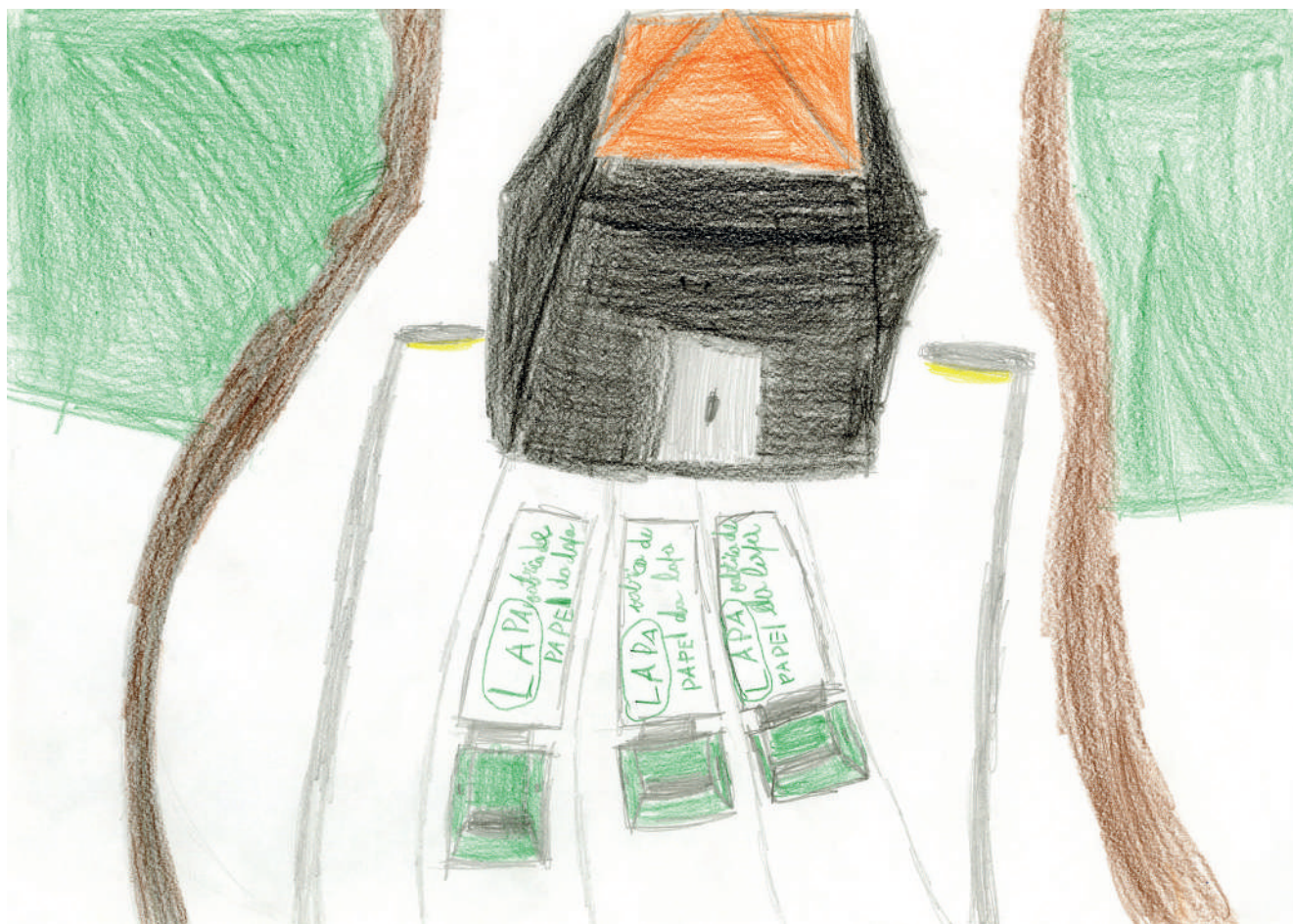




desenho realizado por:

Gonçalo Sá Ferreira

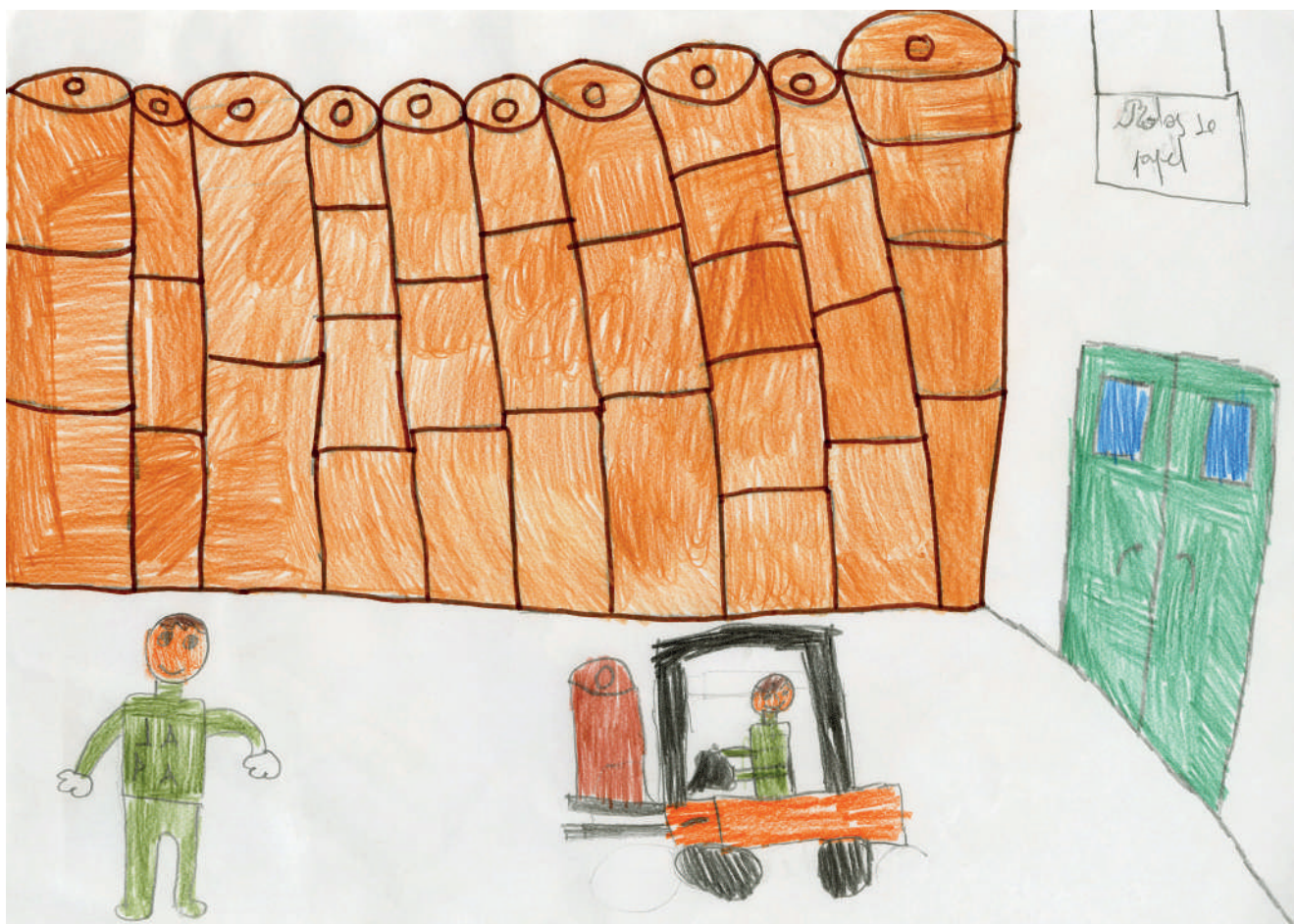
Escola Básica de Outeiro, Rio Meão | 3.º ano



desenho realizado por:

Josué Filipe Teixeira Godinho

Escola Básica de Outeiro, Rio Meão | 3.º ano



desenho realizado por:

José Pedro de Oliveira Soares

Escola Básica de Outeiro, Rio Meão | 3.º ano



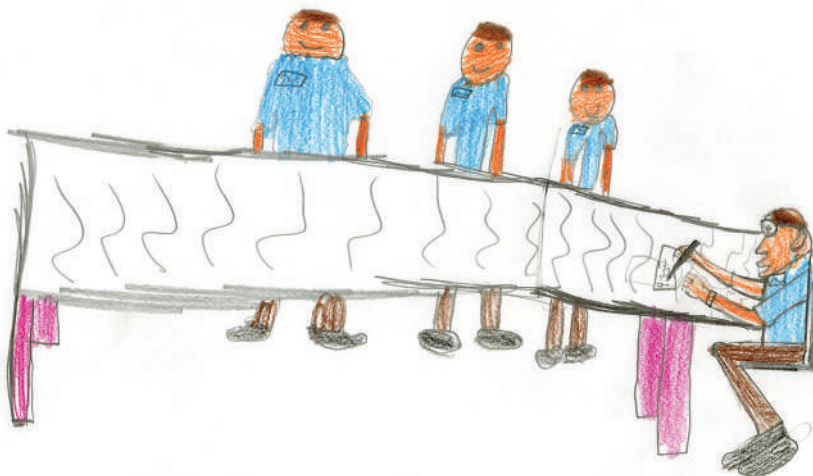
desenho realizado por:
Renata Pais Cunha

Escola Básica de Outeiro,
Rio Meão | 3.º ano



desenho realizado por:
Alice Pinto Duarte

Escola Básica de Outeiro,
Rio Meão | 3.º ano





Nossa Senhora da Saúde e a necessidade de invocar: as entrelinhas pela voz do padre Gonçalves

O dia é 15 de agosto. O ano incerto. Uma voz lê do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas:

*“O Todo-Poderoso
fez em mim maravilhas:
exaltou os humildes”*

Faz-se silêncio. Uma pandemia, talvez a peste, tomava conta de São Paio de Oleiros. No seu desespero por dias melhores, as pessoas encontraram paz na devoção à Nossa Senhora que, neste lugar, havia de ser a Nossa Senhora da Saúde. Cerca de duzentos, talvez trezentos anos depois, o agora pároco desta freguesia, padre Gonçalves Furtado Mendonça, explica que “a Nossa Senhora é só uma, a invocação é que pode ser diferente”.

São Paio de Oleiros precisou de saúde e ainda hoje preza

o olhar que recebeu da santa que celebra.

“Naqueles dias,
Maria pôs-se a caminho
e dirigiu-se apressadamente para a montanha,
[...]”

Continua este Evangelho. Ano após ano, os fiéis deste lugar louvam a chegada metafórica de Nossa Senhora até si. Embora não saiba precisar ao certo quando começou, o padre Gonçalves explica que a festa do dia 15 de agosto, nesta freguesia, foi instituída pelo criador da Fundação Comendador Joaquim de Sá Couto. No seu legado, o homem deixou um hospital e uma pequena capela na qual se celebra uma missa solene, às onze da manhã, em honra desta santa. 2024 não foi exceção. As mesmas pessoas que se reuniram de manhã na

capela, lá voltaram às nove da noite dessa quinta-feira para transportar a Nossa Senhora da Saúde até à igreja matriz, numa procissão de velas acompanhada por um coro. Chegada à igreja, esta majestosa figura recebeu ainda uma oração.

“[...]
de hoje em diante me
chamarão bem-aventurada
todas as gerações.
[...]”

A devoção nunca fica por aqui. No domingo seguinte ao dia 15 de agosto – este ano dia 18 – celebram uma missa na igreja matriz em honra da Nossa Senhora da Saúde, que precede uma procissão de andores à qual a comunidade se dedica unida. As leituras deste evento variam conforme os três ciclos litúrgicos, que passavam agora pelo

ano B, dedicado ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos. Enquanto o padre Gonçalo se encarrega desses rituais, as pessoas de São Paio de Oleiros organizam meticulosamente, e com amor, o cortejo desse dia.

Acordam de madrugada, nesse domingo de agosto, para começarem a fazer os tapetes em flor por volta das seis da manhã. Cada qual enfeita a rua em frente à sua casa e combina com os vizinhos e as vizinhas as ligações das mesmas. Já os mordomos e mordomas, nomeados de ano para ano, são responsáveis por enfeitar o andor do seu santo e decidir quem o carregará. Muitas vezes, o santo é destinado a um par de mordomos por herança, de um avô para um filho ou neto. Já os zeladores e zeladoras nomeiam-se uns aos outros. Em equipas de cinco

ou seis por santo, são responsáveis por enfeitar os oito altares laterais da igreja. Essas figuras são mais valiosas do que as dos andores, por respeito ao património da freguesia. O nono altar, designado à Nossa Senhora da Saúde, a “figura mais bonita da igreja” para o padre Gonçalo, tem um guarda-roupa próprio, que vai sendo atualizado por toda a comunidade. Emocionadas com os arranjos terminados, as pessoas reúnem-se para dar início à procissão ainda pela manhã.

Caminham sobre os tapetes em flor os andores com os santos. Contemplam-se, pelo menos, três Nossas Senhoras: a da Saúde, como promete o nome da festa, a do Bom Parto e a de Fátima. “As designações têm que ver com a circunstância da vida das pessoas”, relembra o padre Gonçalo. Celebra-se

a missa e os fiéis continuam as festividades na festa profana, que já havia começado na quinta-feira. Em São Paio de Oleiros, louvar a Nossa Senhora da Saúde é também uma forma de estar uns com os outros. Assim, ano após ano, a comemoração repete-se e, independentemente da variação dos dias da semana, aquele tempo de agosto parece sempre mais longo. A gosto, a Nossa Senhora da Saúde enche a freguesia de flores que esperam sempre ansiosamente o seu regresso.

“Maria ficou junto de Isabel cerca de três meses e depois regressou a sua casa.

Palavra da salvação.”

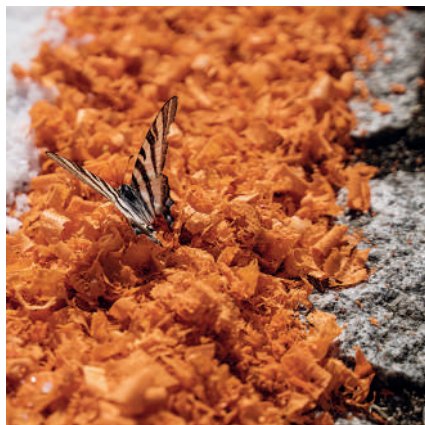










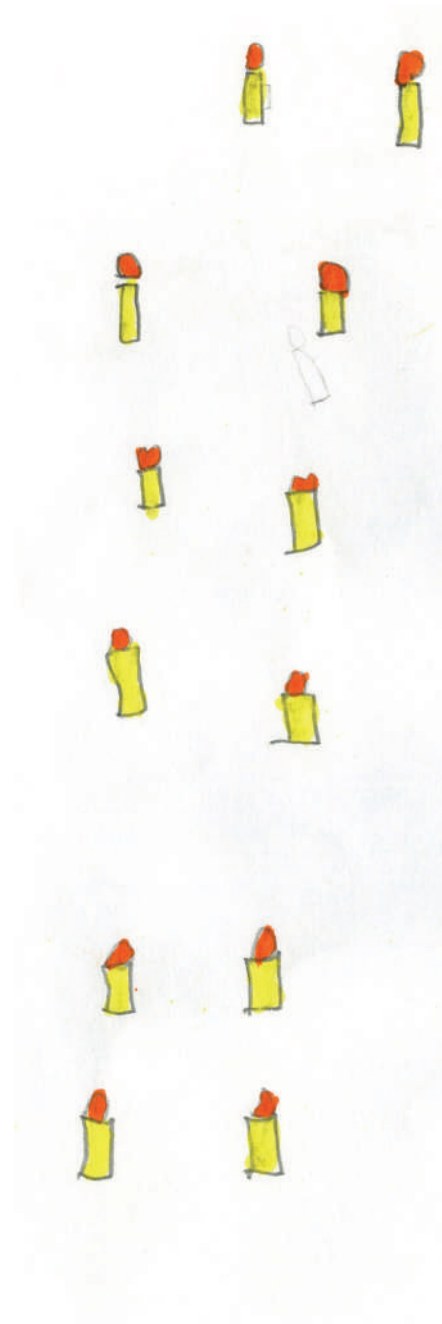


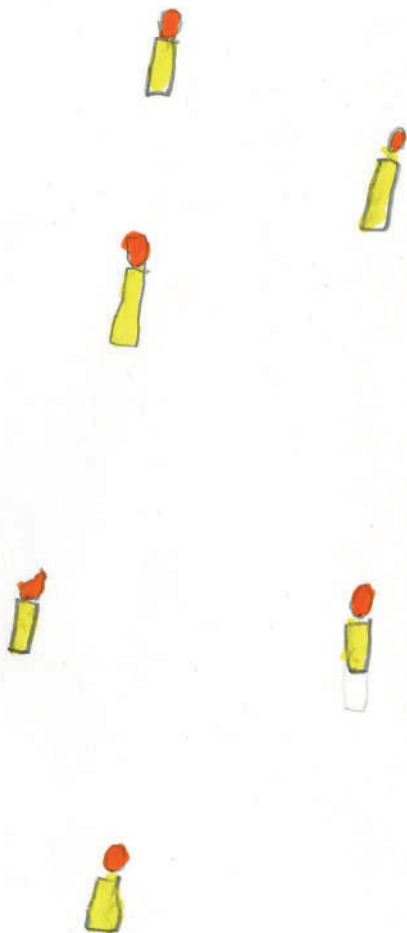


desenho realizado por:

Grazielly Letícia Pereira de Oliveira

Escola Básica de Igreja, São Paio de Oleiros | 3.º ano



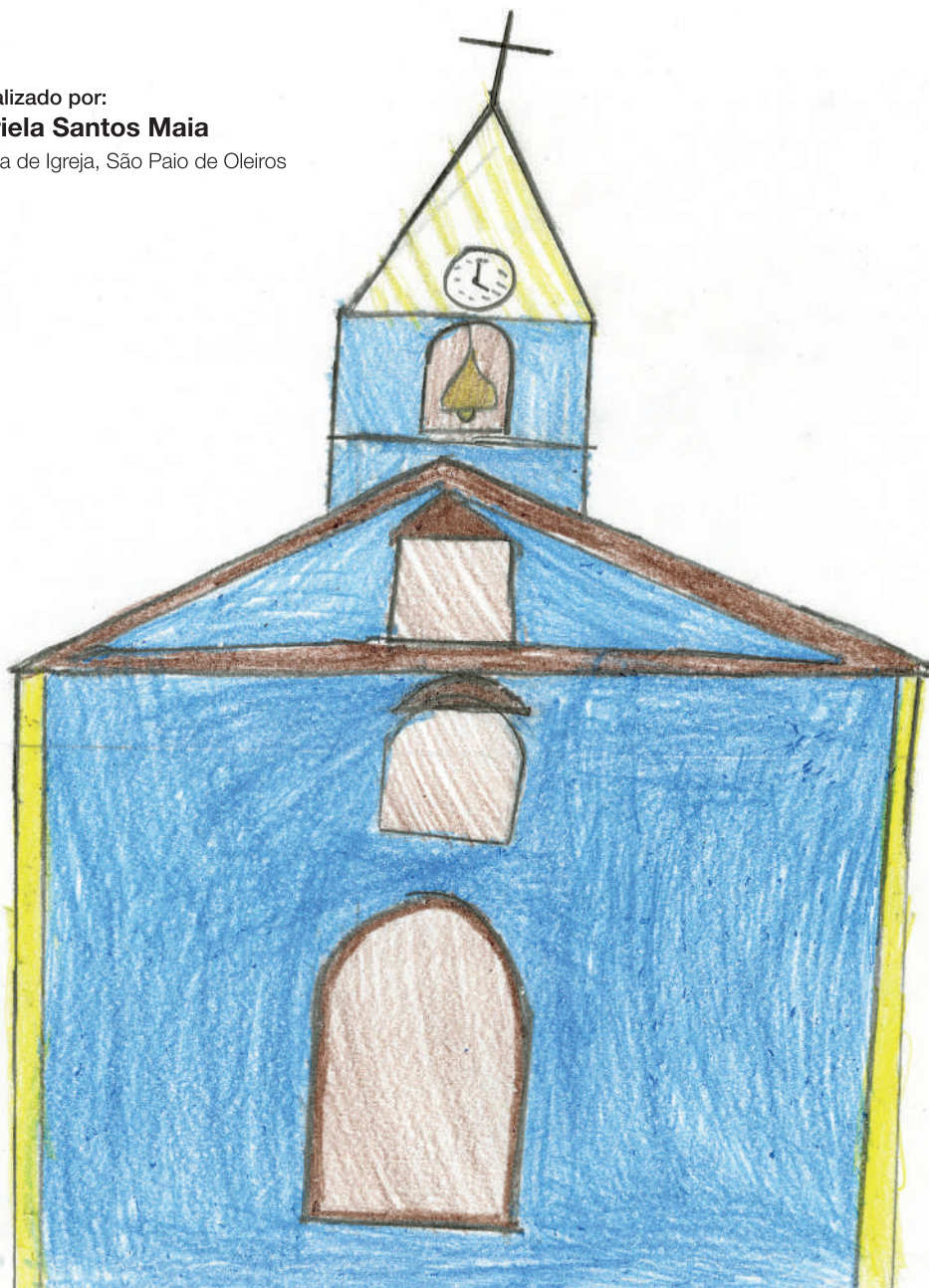


desenho realizado por:

Iara Gabriela Santos Maia

Escola Básica de Igreja, São Paio de Oleiros

3.º ano



desenho realizado por:

Gabriel Xavier Gonçalves

Escola Básica de Igreja, São Paio de Oleiros

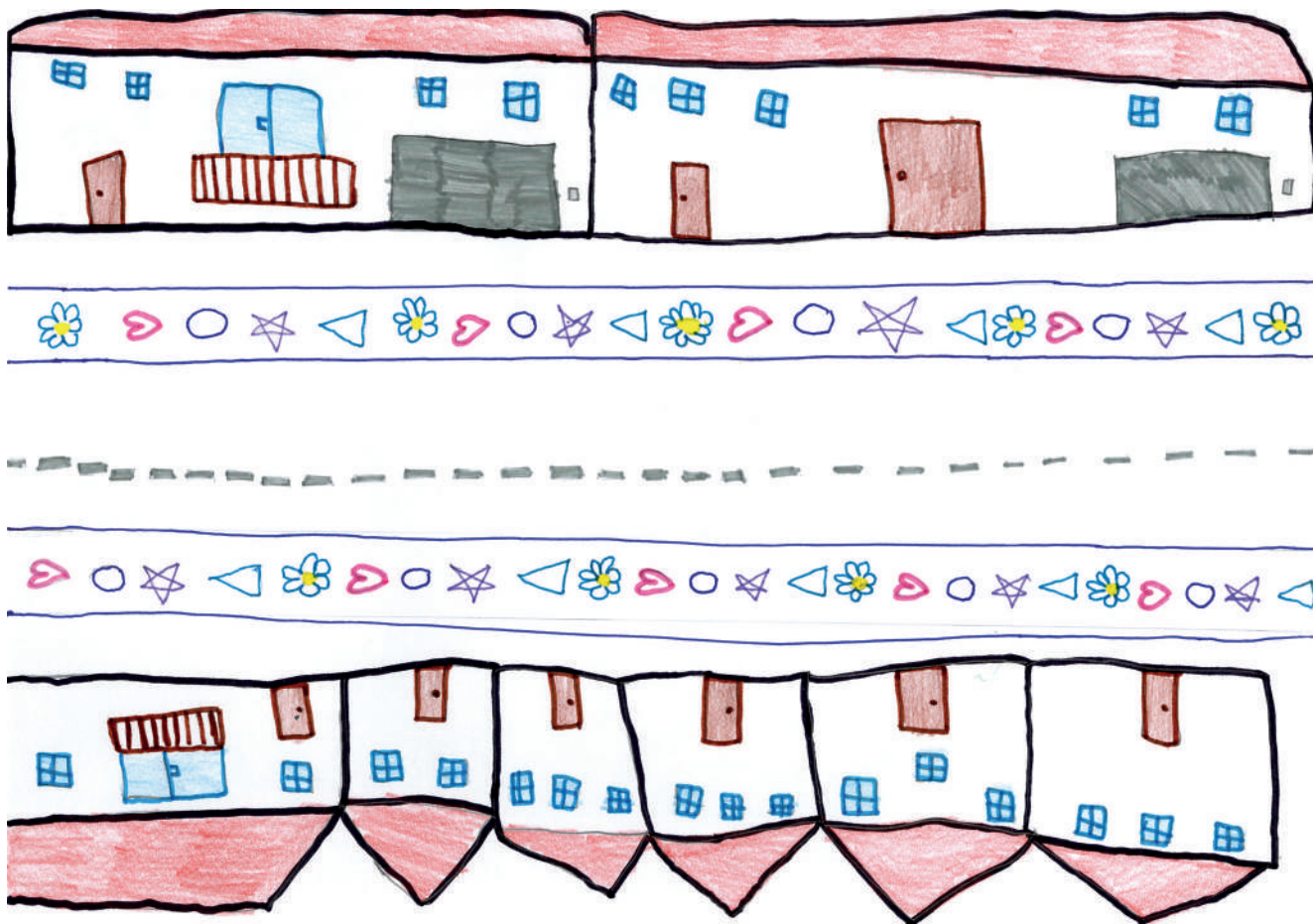
3.º ano



desenho realizado por:

Gianna José Rodrigues

Escola Básica de Igreja, São Paio de Oleiros | 3.º ano



desenho realizado por:

Anita Daniela Conceição Ferreira

Escola Básica de Igreja, São Paio de Oleiros | 3.º ano





Farol Anthero e os barcos Carla e José: a história de uma biblioteca que nos move

Há pessoas que são como faróis. Era manhã e o sol queimava as nossas peles temperadas de verão, quando aprendi que há pessoas que são como faróis, mesmo que estejamos afastadas do mar. Entrámos na biblioteca Pública de São Paio de Oleiros para ter alguma sombra e nos deixarmos maravilhar com os livros. Ali, mergulhámos em palavras e versos que nos invadiram o corpo com a mesma inquietação com que tudo isto começou, ainda antes de aprendermos que uma pessoa pode, efetivamente, ser um farol.

O ano era 1975 e o país ainda rejubilava revolução. Há cravos que se plantam e nascem de outra aparência que não flor. Um grupo de amigos imaginou um lugar de literatura livre: era um cravo que crescia em forma de biblioteca. Mas não era, nem é, uma biblioteca qualquer. Ao longo de algum tempo, – até que este grupo de amigos se intitulasse como

associação –, organizaram eventos culturais na freguesia para criar fundos e comprar livros. Os primeiros livros desta biblioteca pública repleta de futuro eram novos e a eles foram-se juntando ofertas de pessoas da comunidade e de outras comunidades vizinhas. A 10 de outubro de 1980 fez-se a escritura de formação da associação e, pela mesma altura, junta-se ao grupo o professor e poeta Anthero Monteiro, com quem se intensifica a paixão às letras.

A biblioteca começou por ocupar uma sala da Junta de Freguesia de São Paio de Oleiros, até que os livros ultrapassaram os limites das paredes e a associação teve de se mudar para o edifício da Casa da Cultura. Mais tarde, rumaram a uma loja junto do Centro Desportivo e Cultural e, depois, residiram numa enfermaria nas instalações do Hospital-Asilo Nossa Senhora da Saúde. Agora, por generosidade e força de quem

ultrapassa qualquer adversidade, a biblioteca está alojada na sede dos antigos correios, embora esta não seja uma morada definitiva. Mas o mais importante deste lugar não é tanto a casa que ocupa ou as cabeças que move, e são tantas. “Vem muita gente aqui buscar livros”, reforça Carla, presidente da Direção.

“As pessoas até podem dizer que é uma zona de operários e que não seria de esperar, mas vem muita gente”, continua. Para ela e para José, o constante movimento desta biblioteca deve-se às ideias de quem a fundou. “O meu pai fez parte do grupo que começou isto”, conta José, reforçando que todos se guiavam pelos objetivos do professor Anthero e que hoje, quase três anos depois da sua morte, a recente direção continua com o principal objetivo de “honrar a sua memória”.

Assim, conhecer a biblioteca é conhecer “a ideia por detrás da figura do Anthero”, diz José, associado desta casa, e, aos poucos, fica mais clara a imagem de uma pessoa farol.

Anthero Monteiro implementou a “hora do conto” para crianças dentro e fora das escolas; leituras de poesia; palestras sobre história e lançamentos de livros locais e não só. Ainda teve tempo para escrever poesia, literatura infantojuvenil e levantamentos históricos e etnográficos do município, obra publicada pela própria biblioteca. Queria que esta associação fosse muito mais do que um lugar com livros acessíveis e, por muito que fosse cumprindo pequenos objetivos, sentia sempre o tanto que ainda faltava fazer. Por isso, Carla diz com carinho que todas as decisões que hoje tomam devem responder à pergunta: “será que o Anthero ia gostar

disto?”. “Porventura ainda estamos a fazer o nosso luto”, confessa. Se calhar estão, e ainda bem. Este luto não se veste só de preto. É um luto interventivo na cultura que move a população a um maior contacto com os livros e com a arte. É um luto que preserva e dá continuidade. É um luto que ainda reproduz o hino de São Paio de Oleiros, outro legado de Anthero:

“[...]

Tenho gravado no peito mesmo antes de nascer esse teu nome perfeito que é razão do meu viver. Sei tua história de cor e a gesta dos teus obreiros. É orgulho e pundonor ser de S. Paio de Oleiros.”

Há pessoas que são como faróis e a luz que delas irradia não desaparece quando partem. A Biblioteca Pública de São Paio de Oleiros celebra este ano cinquenta anos de história. São cinquenta anos

de independência e luta por um mundo melhor para os livros e para as pessoas que os leem. Há cinquenta anos que guarda obras que só se encontram aqui, como é exemplo a coleção do *Jornal Diálogo*, fundado por esta associação, e que durante muitos anos “foi a voz do povo de São Paio de Oleiros. Foi o primeiro sítio a expor a vontade das pessoas de tornar esta aldeia na vila que hoje é”, partilha José. “O Anthero sempre nos deu que fazer”, confessa Carla. Por isso mesmo, não param. Cinquenta anos depois, esta biblioteca ainda é um cravo em ascensão, de divulgação e partilha da palavra.

Há pessoas que são como faróis, tal como Anthero. E nós, leitores e leitoras, somos os barcos maravilhados à deriva, no mar de poesia e prosa que esta biblioteca é.



“Minha terra idolatrada, já não sei trocar por nada
os teus modos feiticeiros.
Até chego a sentir fome de pronunciar teu nome,
dizer SÃO PAIO DE OLEIROS. (...)”

«Fado de São Paio de Oleiros, 20/06/1998»,
inédito de Anthero Monteiro (1946-2022)

À sua memória, São Paio de Oleiros agradece ao
Professor Anthero Monteiro todo o empenho e
poesia que nos dedicou!

Junta de Freguesia de São Paio de Oleiros
12 de outubro de 2022







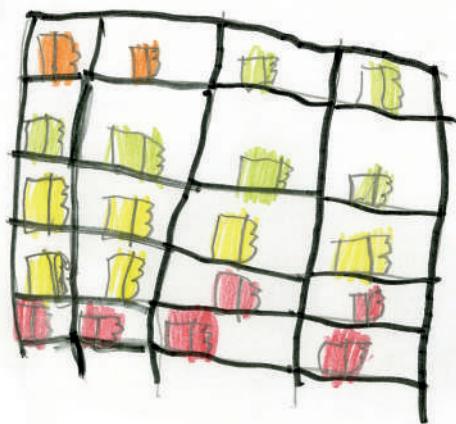
desenho realizado por:

Dinis Silva Soares

Escola Básica de Igreja, São Paio de Oleiros | 3.º ano



*Biblioteca Ligeira
de S. Paio de Oleiros*



desenho realizado por:

Leonor Sousa Branco

Escola Básica de Igreja, São Paio de Oleiros | 3.º ano



desenho realizado por:

Letícia Bastos de Sousa

Escola Básica de Igreja, São Paio de Oleiros | 3.º ano



desenho realizado por:
Gabriel Sá Martins

Escola Básica de Igreja,
São Paio de Oleiros | 3.º ano



desenho realizado por:
Margarida Neto Reis

Escola Básica de Igreja,
São Paio de Oleiros | 3.º ano





Envelhecer em liberdade: a história de uma fundação nas mãos de Fernando

Em 1879, o comendador Joaquim de Sá Couto sentou-se a escrever o seu testamento. Não que estivesse doente, nem que alguém o tivesse obrigado, apenas porque sentia para consigo o dever de deixar a fortuna bem destinada. Natural de São Paio de Oleiros, Sá Couto enriqueceu muito na produção de papel e havia de deixar toda essa riqueza em bens para aquela comunidade, primeiramente administrados pelo seu sobrinho. Aquando da sua morte, em 1902, o sobrinho fez do seu nome fundação e meteu mãos à obra no desejo do tio.

Dos desenhos do arquiteto Adães Bermudes nasceu, em 1907, o Hospital-Asilo Nossa Senhora da Saúde. Foi também construída uma capela, com o mesmo nome, na qual, a 15 de agosto, todos os anos, se celebra uma missa solene à santa, instituída pelo comendador antes de falecer. Sá Couto não deixou que

nada lhe escapasse. Sabia quantas camas queria que o hospital tivesse; que qualquer pessoa idosa da freguesia, homem ou mulher, tivesse prioridade no atendimento e que o domínio da futura fundação haveria de permanecer na família do sobrinho. É com muita honra que o atual gestor, Fernando José Maia, carrega o desafio social de fazer valer as palavras do seu antepassado.

“Há uma rua muito importante com o nome do comendador em Santa Maria da Feira”, informa Fernando. Embora me fale na primeira pessoa, nunca é sobre si que a conversa cai. Em cada palavra sua sobressai o orgulho neste projeto que administra há trinta e sete anos, tornando-se no gestor mais antigo do país de uma fundação social, da qual não obtém qualquer salário. “Tenho muito gosto”, reforça, enquanto vai contando as mudanças que o lugar sofreu. Antes de ali trabalhar

Fernando, as enfermeiras do hospital eram as freiras que também davam assistência diária à Capela da Nossa Senhora da Saúde. Mas, tal qual escreveu Luís de Camões: *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades* – e o importante é aprender e aceitar a mudança.

Por volta de 1975, o hospital-asilo ficou a cargo do Estado e funcionou apenas mais alguns anos, encontrando-se hoje desocupado. Entretanto, a fundação construiu um lar com capacidade de acolher cerca de sessenta pessoas, onde hoje nos encontramos. Na capela deixaram de se realizar as eucaristias diárias, passando a ser semanais e promovidas pela comunidade. Outra capela foi construída dentro das novas instalações para facilitar a deslocação da população sénior que aqui reside. População essa majoritariamente de Santa Maria da Feira que, mesmo sem poder prever o futuro, o comendador



Joaquim Sá Couto havia prometido proteger. Juramento que prevalece nas mãos de quem o seguiu.

“Sei o nome de toda a gente. Quando não venho cá três ou quatro dias, por qualquer compromisso, eles ralham comigo e eu gosto de ouvir isso”, confessa Fernando José, para quem a fundação tem a principal função de ser uma casa, independentemente das alterações que vá sofrendo. Manifesta um carinho

no olhar quando me surpreende com os 107 anos da utente mais velha, e enquanto conta da recente paixão de uma senhora de 92 por um senhor de 90 anos. “Nunca é tarde para o amor.” É esse amor que sustenta este lugar, que luta diariamente contra as injustiças de um país que tem uma população cada vez mais envelhecida e com baixas reformas, “pessoas que trabalharam a vida inteira!...”, indigna-se Fernando sem se deixar abater. O seu papel

na fundação é de, continuamente, manter o foco, promover conforto e carinho à comunidade daquela freguesia. Fernando representa fielmente o compromisso de uma fundação fundada há 117 anos. Mais ainda, diria que Fernando José permite àquelas pessoas a liberdade: liberdade de ser, de envelhecer. Parece pouco, mas que mais podemos pedir de um lugar?







desenho realizado por:

Eduarda Moreira Santos

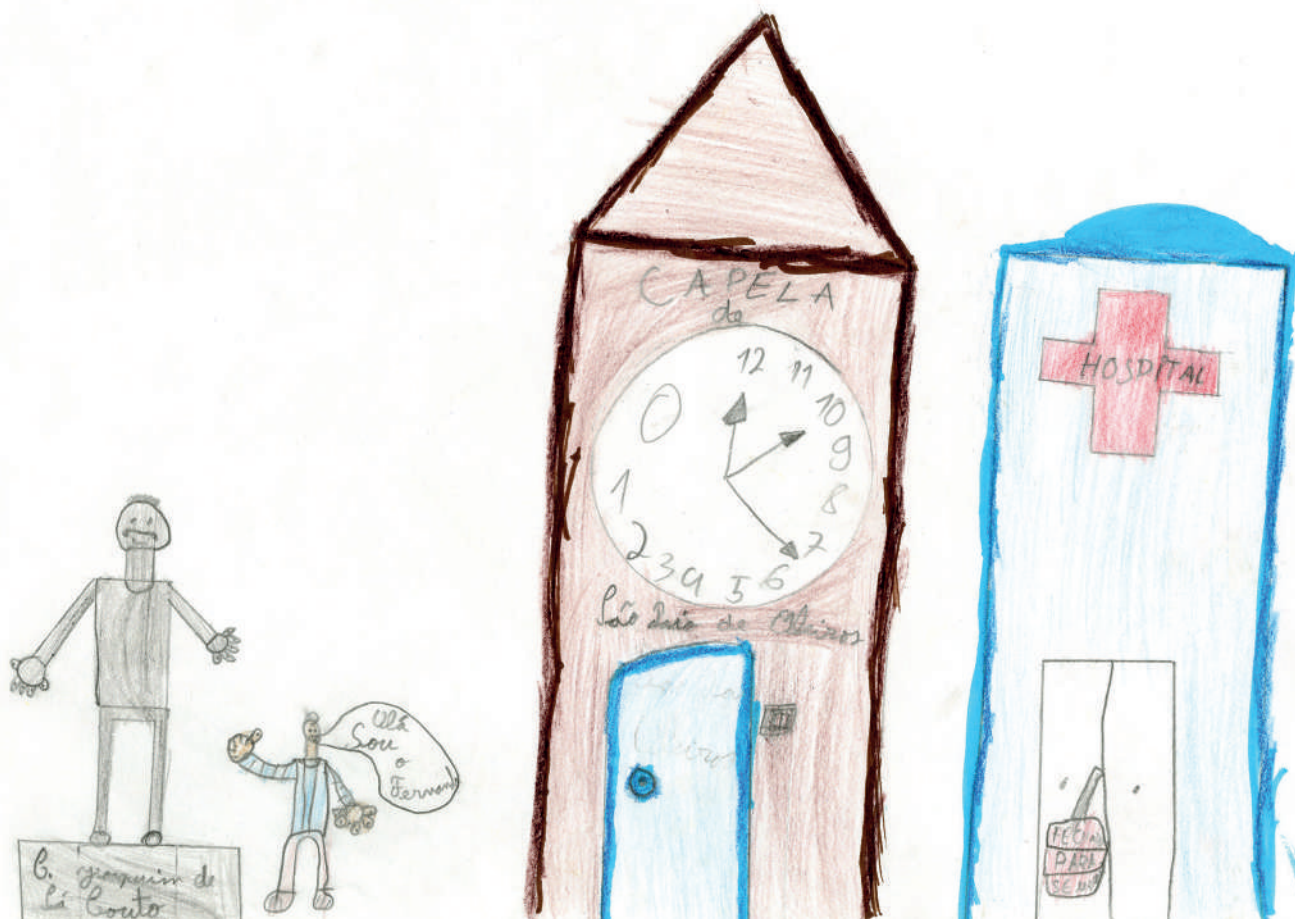
Escola Básica n.º 1 de Santa Maria de Lamas | 3.º ano



desenho realizado por:

Rui Miguel Barbosa Serrano

Escola Básica n.º 1 de Santa Maria de Lamas | 3.º ano



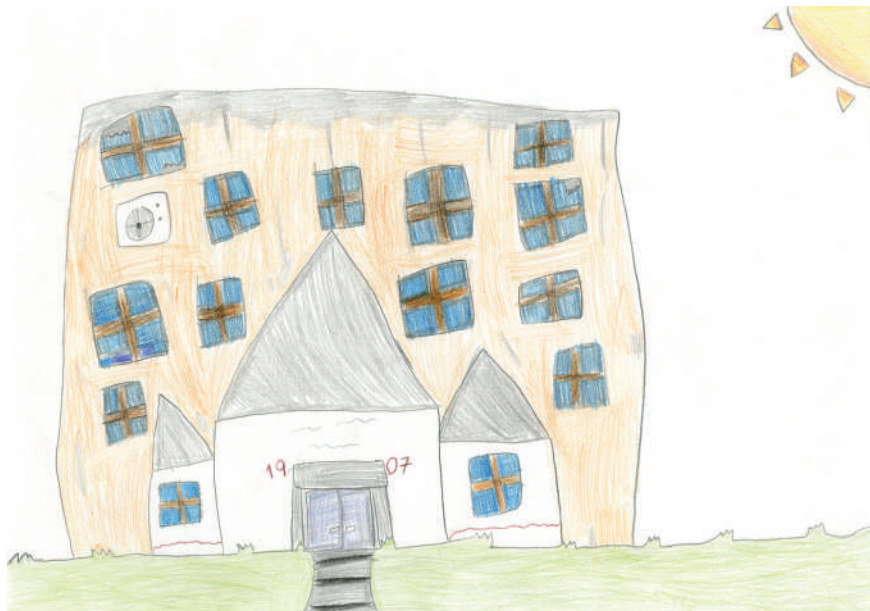


desenho realizado por:
Margarida Sousa Ferreira

Escola Básica n.º 1
de Santa Maria de Lamas
3.º ano

desenho realizado por:
Rita Filipa Silva Melo

Escola Básica n.º 1
de Santa Maria de Lamas
3.º ano



desenho realizado por:
Leonor Pereira Pinto

Escola Básica n.º 1
de Santa Maria de Lamas
3.º ano





Senhor Latada e o Vouguinha: a parceria mais bonita do país

Chego à estação ferroviária da linha do Vouga, em São Paio de Oleiros, a uma sexta-feira à tarde. Está um dia de sol quente, ainda que ventoso, e sou carinhosamente recebida pelo senhor Latada. É esse o nome pelo qual sempre foi conhecido Raúl de Matos Alves Latada, antigo funcionário da CP que, entre muitas outras estações, trabalhou precisamente neste apeadeiro. Hoje não está ninguém ao serviço porque não há serviço como antigamente. Os bilhetes compram-se na *internet* ou carregam-se nas máquinas e as pessoas deixaram de ser precisas. Assim, conversamos sozinhos nesta casa que agora é só lugar de espera e local de abrigo da chuva, até que o comboio chegue.

Raúl é natural do distrito de Santarém, mas vive em São Paio de Oleiros há cinquenta e oito anos. “Vim para aqui por um destino imprevisto”, conta-

-me enquanto segura cuidadosamente nas mãos um livro de 1983 intitulado *Monografia do Vale do Vouga – a linha férrea mais bonita do país*. Este trabalho único contém textos de vários antigos funcionários, inclusive um seu, e conta a história deste pequeno comboio e da sua relação com as pessoas que o frequentavam, fosse de que maneira fosse. “Em 2008 celebrámos os 100 anos”, afirma entusiasmado. Embora já esteja reformado, o senhor Latada tem ainda força, amor e desejo em preservar e divulgar a importância e a beleza deste caminho de ferro tão especial: “Neste momento a linha do Vouga é a única via estreita em funcionamento em Portugal”. Os olhos de Raúl iluminam-se de orgulho.

Inaugurado em 1908, o Vouga ou Vouguinha, como é habitualmente conhecido, veio colmatar várias necessidades de transporte desta região. Ainda

que agora funcione apenas como transporte de pessoas, antigamente levava também mercadoria do interior ao litoral e vice-versa. “Via gente a vir à pinha a descer esta rua para ir no Vouguinha até à praia de Espinho... O varandim atulhado de gente, nomeadamente malta nova”, relata Raúl. De repente, o presente interrompe-se nesta viagem ao passado. Ouço as sirenes a avisar a chegada de um comboio. É o Vouga que vai passar por nós. Minutos depois, já está o Vouguinha parado na estação de São Paio de Oleiros – vermelho e todo inscrito com *graffiti*. Observo o senhor Latada a cumprimentar o condutor. Exerceu dez anos nesta estação, a partir de 1966, e ainda conhece toda a gente que por aqui passa e passou.



Pergunto-lhe o porquê de trabalhar com comboios e de ter ficado aqui e Raúl responde-me sempre de forma deslumbrante. Antes de me falar do ofício, fala-me de amor; dos seus cinquenta e oito anos de casamento com mais dois de namoro. Fala-me das crianças que teve, já pessoas adultas. Não me explica como chegou à formação da CP, mas diz-me ter começado em 1958 no Barreiro, e conta também que foi bombeiro voluntário no Crato. Aos poucos vou percebendo que, mesmo sem querer, a sua vida vai sempre dar à linha ferroviária que agora habita em recordações. Em 1976 foi trabalhar como chefe de estação para Paços de Brandão, cargo que ocupou durante 14 anos e aos quais somou outros quatro na estação de Espinho. Defendeu o Vouga sempre que pôde. Esteve 19 anos na assembleia de freguesia e quatros anos na junta de freguesia, onde lutou “para que a linha do Vouguinha tivesse as

passagens com guarda”. Raúl orgulha-se de uma carreira longa e dedicada a um comboio tão pequeno quanto importante. Iniciou-a aqui, em São Paio de Oleiros. Foi transferido e, sempre que era necessário substituir colegas, fazia-o em Santa Maria da Feira, São João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Albergaria-a-velha, Águeda e até Viseu. “Trabalhava praticamente de sol a sol: fazia turnos das 10 da manhã às 10 da noite, ou das seis da manhã às seis da tarde e, para dar folga a colegas, às vezes trabalhava das seis da manhã às dez da noite. Vendi trezentos e tal bilhetes só para o Vouguinha aqui nesta estação, o que para a época não é coisa pouca”, conta Raúl.

Vejo o senhor Latada a levantar-se do longo banco onde nos sentámos. Antes de nos despedirmos vai ser fotografado e veio preparado. Dirige-se até ao carro para vestir o seu

antigo casaco de funcionário da CP. Olho para ele e vejo as centenas de peripécias que comigo partilhou, as boas e as más. Vejo a fratura no braço que quase o fez desistir e como chegou a ser promovido a chefe. Vejo anos e anos de pessoas felizes a cruzarem-se consigo neste lugar, a comprarem um bilhete da linha do Vouga numa bilheteira que agora não passa de uma parede branca. Vejo o quanto se comove pelo seu trabalho aqui, em São Paio de Oleiros, “pela gente”, como diz, que ajudou a ir à praia no verão, fascinada pela possibilidade de aproveitar um sol como o de hoje.

Quando me despeço dele, noto que é saudado por vizinhos da estação. Responde contente que voltou lá porque vai constar num livro. Raúl e o Vouguinha: a parceria mais bonita do país.









desenho realizado por:

Rúben Miguel Guedes Silva

Escola Básica n.º 3 de Santa Maria de Lamas | 3.º ano



desenho realizado por:

Maria Leonor Pinto Tavares

Escola Básica n.º 3 de Santa Maria de Lamas | 3.º ano





desenho realizado por:
Lourenço Santos

Escola Básica n.º 3
de Santa Maria de Lamas
3.º ano

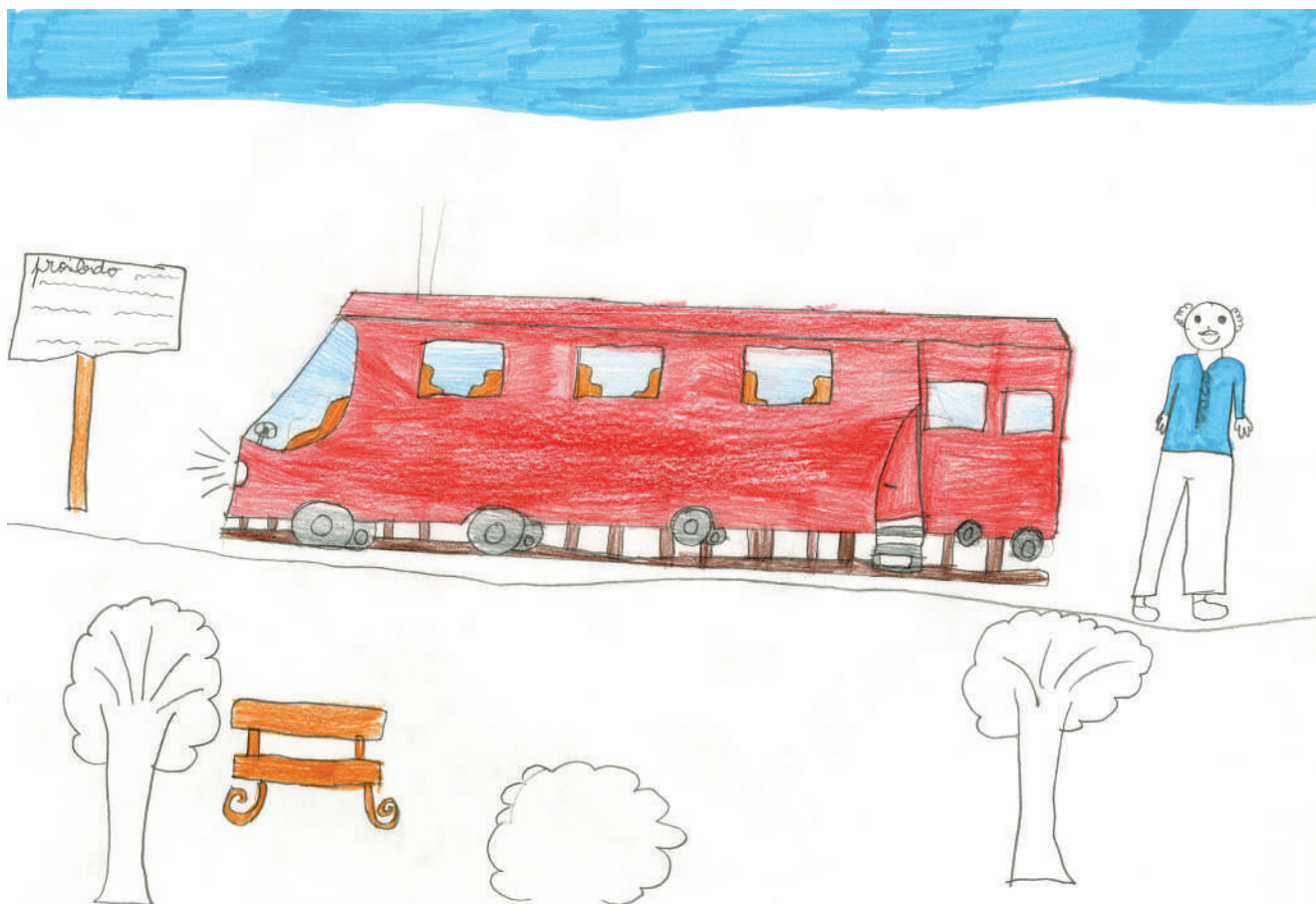


desenho realizado por:
**João Paulo Ferreira
Gomes**

Escola Básica n.º 3
de Santa Maria de Lamas
3.º ano

desenho realizado por:
Isis de Oliveira Silva

Escola Básica n.º 3 de Santa Maria de Lamas | 3.º ano





António Carvalho e a poderosa árvore do ciclismo

António tinha dois ou três anos quando se sentou pela primeira vez numa bicicleta. Não consegue precisar a idade, mas recorda com apreço a sensação. “Só tenho memórias do ciclismo na infância, o resto parece que não fica”, confessa. Sabe trazer consigo, desde o dia em que nasceu, um apelido repleto de história: Carvalho, como uma árvore, é a sua raiz. A mãe fez com que o filho herdasse o seu nome pelo património ciclista. Assim, António foi crescendo, à sombra de um Carvalho que se pronuncia nas rodas de uma bicicleta, e das corridas que, sentado nela, é capaz de fazer.

Neto de Alberto Carvalho, António começa a contar a sua história muito antes de fazer parte dela. “O meu avô era ciclista profissional. Foi camisola amarela na Volta a Portugal, ganhou a montanha e acho que chegou a ficar em quarto lugar. O meu tio ganhou a Volta a Portugal em 1990 ou 91”, partilha orgulhoso. Fala ainda da sua mãe, Maria Georgina,

que foi ciclista das camadas jovens, e de outros primos e tios que correram ou são técnicos de ciclismo. Quando o ouço, percebo que tanto do que António é se vai distribuindo pelas pessoas que o acompanham. É mesmo ele quem o diz: “a minha história começou na família”. E assim continua.

“A minha primeira memória muito forte numa bicicleta foi uma vez com o meu primo. Tínhamos sete ou oito anos e foi junto à oficina do meu avô (que fica aqui em São Paio de Oleiros, numa ruazinha à direita). Vínhamos a descer para a oficina, eu do lado direito e o meu primo do esquerdo, e eu disse-lhe: ‘viremos à direita!’. Ele: ‘vamos em frente!’ e repetimos insistentemente. Depois ele virou à direita e eu fui em frente. Batemos um contra o outro. Lembro-me das bicicletas todas rebentadas”, relata ainda com algum choque e nostalgia. A família correu toda na direção dos dois pequenos e as bicicletas foram arranjadas pelo avô na sua oficina.

Esse lugar de que António tem saudades, infelizmente não é o mesmo desde que Alberto partiu.

O tempo foi passando. António recorda que, com 12 anos, ganhou quase todas as corridas de ciclismo. Desistiu brevemente deste desporto para tentar o futebol, mas voltou pouco tempo depois e nunca mais o abandonou. “Quis ser profissional porque os resultados começaram a aparecer”, confessa sem qualquer presunção. Ganhou a Volta a Portugal Futuro e muitas outras competições que o motivaram a continuar. Embora se orgulhe do tanto que construiu sobre duas rodas, diz ter a sensação de que nunca vai ganhar a Volta a Portugal, pela superstição de que na sua família de Carvalhos ciclistas, tal feito só acontece geração sim, geração não e ele tem as mesmas vitórias que o avô. No entanto, só o futuro o poderá dizer e, até lá, a cabeça de António leva-o muito longe.

“Todos os anos digo que vai ser o último”, afirma. Sabemos que ainda não é desta. Enquanto me conta da dificuldade dos treinos e de como sente que o ciclismo é uma profissão solitária, tempera a conversa com o amor que tem à mulher e aos filhos. Quis que os pequenos carregassem o orgulhoso apelido Carvalho, tal como a sua mãe, mas não sabe se os quer ciclistas, pela dose de sacrifício que a carreira impõe. Comer pouco, dormir menos, ser vigiado e treinar muitas horas, é como António resume as dificuldades de algo que, ainda assim, exerce por paixão. Começou por vestir a camisola da equipa de São Paio de Oleiros, do seu avô e tio, que entretanto já não existe. Foi forçado a ir para Espanha “seguir outros voos”, mas voltou para Portugal onde representa orgulhosamente Santa Maria da Feira, com a sua freguesia no coração. “O meu avô era daqui de São Paio de Oleiros, a minha mãe e os meus tios também. Somos todos aqui da terriola como eu costumo dizer e brincar”, sorri.

Conversamos na sua sala e, antes de ir embora, pergunto-lhe pelos troféus. Diz estarem quase todos em casa da mãe, onde me leva para que os possa ver. Maria Georgina não perde uma competição do filho e move as pessoas de São Paio de Oleiros a torcerem por ele quando passa na televisão. António conta isto com alguma vergonha, mas no fundo sabe que é por amor e orgulho que a família o apoia. Ele é a terceira geração de Carvalho em bicicleta, a promessa desta árvore que não para de crescer. Antes de nos despedirmos pergunto-lhe pelo futuro. Quem será António Carvalho quando se reformar de ganhar prémios para o apelido? Ninguém pode adivinhar, a vida às vezes corre por si, mas se puder escolher, António sabe muito bem o que quer. Sonha em reativar a loja do avô, preservando o espírito ciclista em São Paio de Oleiros: um Carvalho a dar sementes a outras plantas.





A mãe de Fernando Carvalho, agarrada ao seu filho, prometeu ir a Fátima a pé, agradecer o favor da vitória

A PORTUGAL EM BICICLETA

da RUQUITA.
Temos ainda presente o
gesto conmovedor da mãe
do vencedor da Volta que
agarrada ao seu filho, ju-
rou ir a Fátima a pé... por
isso grande vitória.
Podemos ainda informar
que Fernando Carvalho
dedicou a vitória à sua
família.
Amém Jesus e Maria, nesta

grande prova, que teve
por cenário a cidade da
Mata.









desenho realizado por:

Tomás Silva Luz

Escola Básica de Santo António, Rio Meão | 3.º ano



desenho realizado por:

Guilherme da Silva Cruz

Escola Básica de Santo António, Rio Meão | 3.º ano



desenho realizado por:

Frederico Alves Marques

Escola Básica de Santo António, Rio Meão | 3.º ano



desenho realizado por:
Maria Inês Vida Pinto

Escola Básica de Santo
António, Rio Meão
3.º ano



desenho realizado por:
**Leticia Isabel
Reisinho Santos**

Escola Básica de Santo
António, Rio Meão
3.º ano





Casa Sameiro e o voo da infância nos braços da irmã Eduarda, irmã Salete e Susana

Começa tudo na infância. A primeira vez que abrimos a mão para o céu e recebemos um beijo na testa; o primeiro contacto da planta do pé com o chão e a primeira queda. Um choro, um sorriso, o amor e a perda. Começa tudo na infância. O medo e o conforto. Até o involuntário ato de crescer se vai apressando a chegar. Somos bebés, crianças e depois crianças maiores. Carregamos os sonhos na boca e o mais importante é quem nos ensine a segurá-los do lado de dentro. Assim, quando chegar o dia depois do começo, esse dia depois da infância, sabemos trazer no corpo a entrega que foi ter crescido com tanto carinho. Em São Paio de Oleiros são tantas as infâncias que começam desta forma, na companhia da Casa Sameiro.

“A nossa principal função é o bem-estar das nossas crianças, funcionamos sempre em prol delas. Elas estão sempre

à frente de tudo”, diz Susana. Estamos sentadas à volta de uma mesa numa sala da Casa Sameiro. Eu, a Susana, que além de cuidadora é educadora, coordenadora e “gestora do pessoal”, a irmã Eduarda, que é diretora e “já faz parte do museu”, como diz a irmã Salete que se intitula como “a mulher dos dinheiros”. Estas são três das mulheres da direção atual desta casa – sempre gerida no feminino –, e umas das dez em Portugal que integram a Congregação das Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado. “A Casa Sameiro é uma referência”, afirma a irmã Salete.

A irmã Eduarda é natural da Madeira e a irmã Salete de Fafe. Ambas integraram a Congregação em Bragança e foram colocadas, ainda que em épocas diferentes e com percursos distintos, na Casa Sameiro em São Paio de Oleiros. Juntamente com outras irmãs e um corpo do-

cente “fantástico e que se dá todo bem”, como descrevem, gerem e “são um bocadinho o faz tudo” desta instituição sem fins lucrativos. “Temos de ajudar onde é preciso”, diz a irmã Eduarda, depois de eu já ter ouvido histórias das vezes em que as irmãs acolhem as crianças por mais tempo quando os pais e as mães não as conseguem ir buscar. Começa tudo na infância, principalmente como e quem olha por nós.

A Casa Sameiro existe desde fevereiro de 1985 e, desde então, acolhe crianças durante o dia. Abre as portas às sete e meia da manhã e encerra às sete da tarde, horário no qual entretém e alimenta pessoas pequenas desde a creche ao jardim de infância. Todo o ano, à exceção de quinze dias em agosto, feriados e fins de semana. Aqui brinca-se da sala ao jardim e o orgulho é muito. Todas as atividades são pensadas para que toda a gente

possa participar, uma vez que as turmas são grandes e compostas por extratos sociais, nacionalidades e valores muito diferentes. No entanto, “aqui dentro não se faz distinção”, garante Susana. O amor chega para cada bebé e criança e está sempre a transbordar.

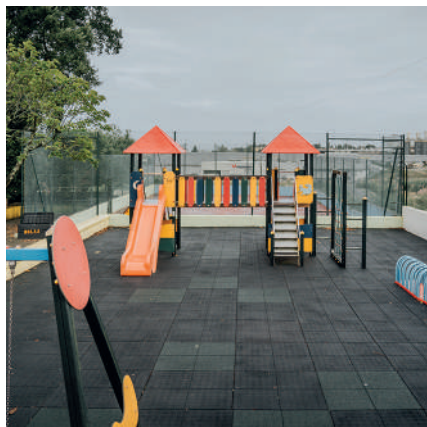
Susana é natural de Mozelos, freguesia deste município, e trabalha na Casa Sameiro desde 2002. Foi também nesta capela que casou e batizou os seus dois filhos. Conta-me, feliz, o quanto da sua vida está ligada à Nossa Senhora do Sameiro, cuja representação em azulejos (que podemos ver na entrada) foi encomenda da irmã Eduarda. Também as obras nas instalações se devem às irmãs. Esta casa – antiga padaria Sameiro –, e sua capela foi doada por um casal de São Paio de Oleiros à congregação. Na altura o casal conhecia a irmã São João – hoje com processo de beatificação – que admirava

e a quem confiou este lugar com o propósito de acolher crianças e preservar a capela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Promessa que se cumpriu com honra. Hoje visito a Casa Sameiro repleta de sorrisos grandes em pessoas pequenas e contemplo a capela, de nome igual, que todos os dias, à exceção de domingo, recebe a comunidade para uma eucaristia.

Começa tudo na infância. O primeiro empurrão e o primeiro abraço. Na Casa Sameiro, este começo é como um par de asas que nos ampara voos futuros.

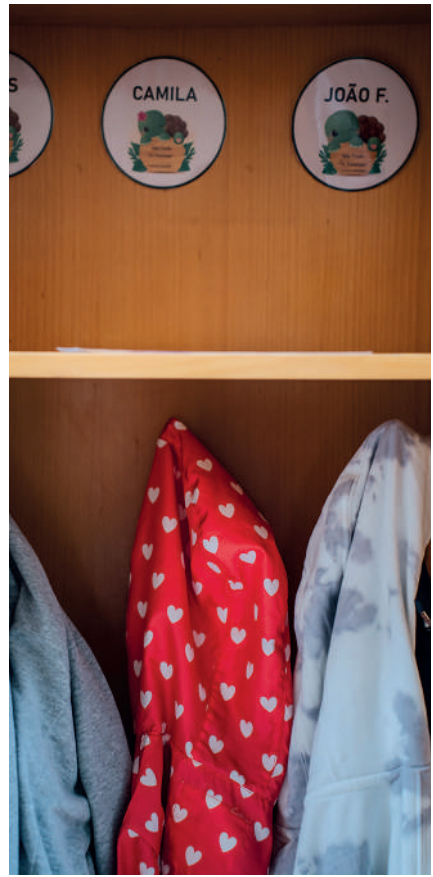
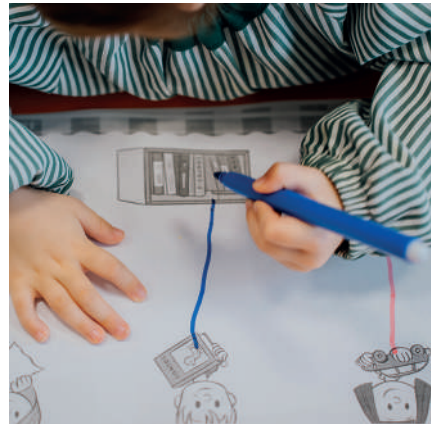












desenho realizado por:

André Costa Ferreira

Escola Básica de Igreja, Paços de Brandão | 3.º ano

Casa Sameiro



desenho realizado por:
Raquel Santos Rocha

Escola Básica de Igreja,
 Paços de Brandão | 3.º ano

desenho realizado por:
David Simão Vieira Moura

Escola Básica de Igreja,
 Paços de Brandão | 3.º ano

Casa Lameiro



Casa Lameiro



desenho realizado por:

Clara da Silva Rosas

Escola Básica de Igreja,

Paços de Brandão

3.º ano



desenho realizado por:

Salvador da Rocha Marinheiro

Escola Básica de Igreja, Paços de Brandão | 3.º ano





Dois Carlos, um Joaquim e a identidade andebolista de São Paio de Oleiros

Na freguesia de São Paio de Oleiros a comunidade une-se pela competição. As famílias juntam-se e combinam ir ver os atletas jogar. São camisolas do Centro Desportivo e Cultural de São Paio de Oleiros – ou CDC como dizem popularmente – que trazem vestidas e caminham com garra até ao pavilhão da vila. É um jogo de andebol que anseiam. “O andebol enraizou-se na cultura dos oleirenses, portanto, sábado à noite é dia de andebol”, conta Carlos Malta, padrinho de um outro Carlos Malta mais novo. “Temos uma coisa que é mística: quer com maus resultados, quer com bons, devemos ser dos pavilhões com mais gente”, acrescenta o sobrinho. Ambos já ali foram atletas e integram hoje a assembleia geral do clube, estando o Carlos Malta “júnior” na direção.

Em 1968 foi fundado o CDC, uma associação sem fins lucrativos, por um grupo de

pessoas que consideravam que “não havendo um pavilhão no município de Santa Maria da Feira se devia fazer um em São Paio de Oleiros”, afirma o Carlos padrinho. O pavilhão, acabado em 1972, mais os terrenos que o agregam são, desde então, o património deste clube. “O pavilhão é do clube, mas o clube faz parte do povo”, acrescenta com emoção Joaquim Silva, homem responsável pelas instalações há treze anos, mesmo já se tendo reformado. Nunca foi atleta, mas sempre esteve ligado ao centro, desde que se mudou para São Paio de Oleiros há 45 anos. Hoje, além das suas funções, acompanha o “neto mais novo que é cá atleta” e procura convencer o neto mais velho a voltar a jogar e ajuda a filha, que é oficial. “Já sou das terceiras gerações”, afirma orgulhoso.

Inicialmente, o CDC estreou-se com hóquei em patins, talvez

por influência das freguesias vizinhas. Tiveram outras atividades desportivas como badminton, atletismo, uma experiência de voleibol e uma excelente equipa de futsal. No entanto, “o andebol foi a modalidade que prevaleceu até hoje, desde que se fundou em 1975”, informa o Carlos padrinho. “Eu comecei a jogar andebol no Colégio dos Carvalhos”, continua, “e em 1977 – não sendo natural de São Paio de Oleiros mas tendo ligações fortes e familiares à freguesia – fui convidado para vir jogar aqui. Ainda faço parte da assembleia geral, portanto, faço parte do clube desde 77, primeiro como atleta, depois como diretor, agora como membro”. É com honra que me fala Carlos, numa salinha do pavilhão onde posso ver várias camisolas do centro e equipamento da modalidade.

“A ideia é trabalhar muito para a comunidade”, reitera

o Carlos sobrinho. Também ele aqui jogou e agora acompanha o percurso dos seus filhos. Explica-me como funcionam as equipas de andebol e mostra-me as instalações onde recebem treinos todos os dias, menos ao domingo. Treinam vários escalões e têm também andebol adaptado para jovens e mais graúdos, em parceria com a Cerci-Lamas desde 2016. Acima de tudo, os olhos de Carlos brilham quando expõe as ideias que tem para o futuro: quer que o CDC promova a inclusão de mais crianças de diversos contextos, que se implemente um projeto de andebol intergeracional para avós e netos, que o centro aposte numa equipa feminina e que espalhem mensagens de suporte e empatia em cada jogo. “Sempre na onda de envolver a comunidade”, volta a sublinhar, com as mãos à obra nestes projetos dos quais vemos já pequenas conquistas, como cinco meninas a treinar. Tudo tem de começar por algum lado.

“São Paio de Oleiros já foi um clube de referência nacional a nível de andebol”, remata o Carlos padrinho. Joaquim

acena com a certeza de que voltará a ser. Conhecem os custos agregados à herança de um pavilhão próprio e viram também o quanto se desistiu do desporto com a pandemia. Ainda assim, nada desanima estes três homens. Essencialmente porque o CDC sempre se manteve em forma, fosse o que fosse que estivesse a ultrapassar. “A bem ou a mal não há futebol aqui. Devemos ser das poucas freguesias sem futebol e onde o andebol pontua. Chegamos a ir a jogos fora com mais gente nossa a ver do que da equipa adversária, sempre mais de meia casa, pelo menos 70% de malta adepta”, afirma o Carlos sobrinho, mais uma vez enaltecendo a mística do centro.

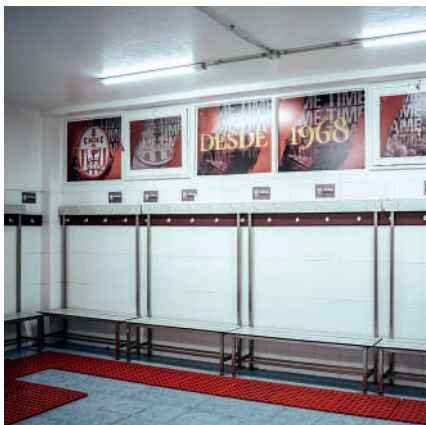
Entre as festas que fazem para angariar fundos, os treinos, os jogos aqui e acolá, o Centro Desportivo e Cultural de São Paio de Oleiros preocupa-se com o bem-estar de cada atleta. Incentiva a que os mais velhos ajudem sempre os mais novos. Têm fisioterapia, carrinhas para levar os atletas para partidas fora, renovam o material regularmente,

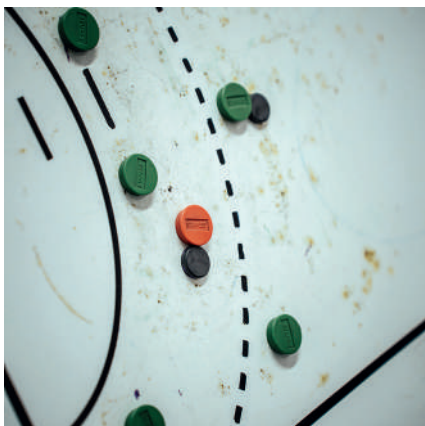
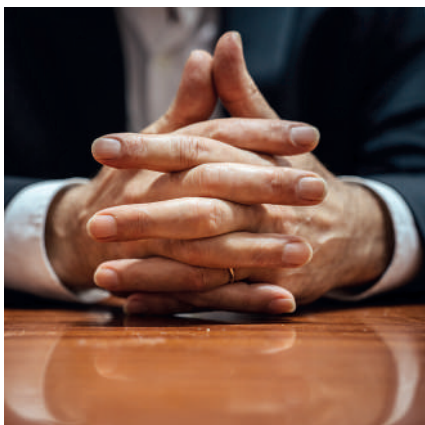
certificam-se que as crianças comem bem e procuram que o pavilhão seja sempre um lugar harmonioso de convívio, mesmo quando se tem de lidar com a derrota. Aqui aprende-se o quanto se ganha sempre que se trabalha em equipa. Talvez por isso “será muito difícil o andebol morrer nesta freguesia, porque está tão enraizado”, afirma o Carlos mais velho. Tem nele, no sobrinho, no Joaquim e em tantos outros, a certeza de que com o coração no CDC, o andebol e a fraternidade só têm por onde crescer.











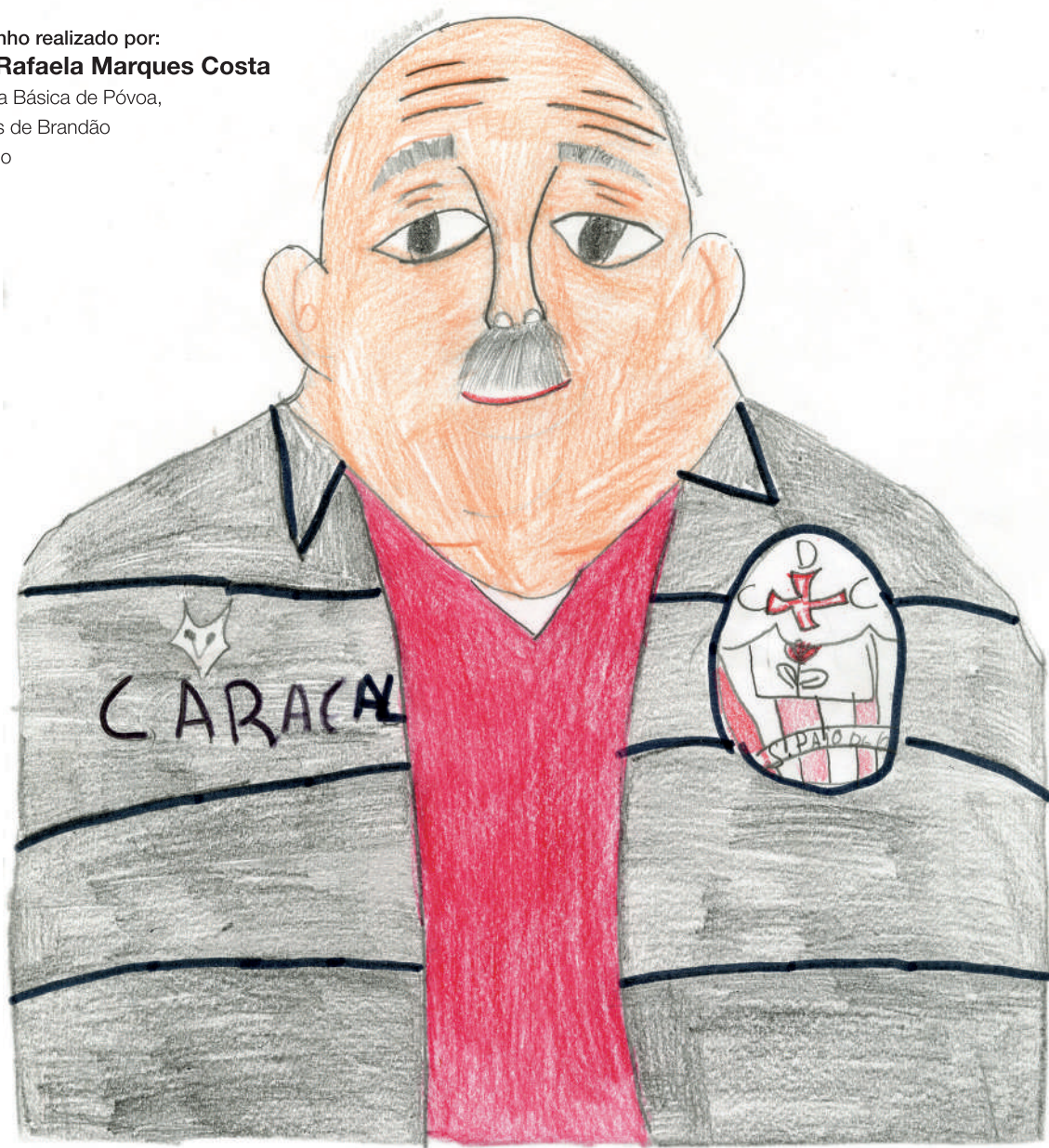
desenho realizado por:

Iris Rafaela Marques Costa

Escola Básica de Póvoa,

Paços de Brandão

3.º ano



desenho realizado por:
Matias Amorim Soares

Escola Básica de Póvoa,
Paços de Brandão | 3.º ano



desenho realizado por:
Alice Manuel Ramalho Fontoura

Escola Básica de Póvoa,
Paços de Brandão | 3.º ano



desenho realizado por:

Estêvão Trindade Rodrigues

Escola Básica de Póvoa,

Paços de Brandão

3.º ano



desenho realizado por:

Gonçalo Manuel Anastácio Ribeiro

Escola Básica de Póvoa, Paços de Brandão | 3.º ano



SAMPAIO-OLEIROS

agradecimentos

Este livro deve-se, essencialmente, às pessoas que carinhosamente nos deram a conhecer o avesso mais poético da freguesia de São Paio de Oleiros.

Ao José Manuel Alves Couto, ao padre Gonçalo Furtado, ao José Amorim e à Carla Ribeiro, ao Fernando Sampaio Maia, ao Raúl Latada, ao António Carvalho, à Irmã Eduarda, Irmã Salete e Susana Almeida, ao Carlos Malta, Carlos Malta “júnior” e Joaquim Silva, obrigada pela herança viva que partilharam.

Um agradecimento às professoras titulares das turmas do 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Agrupamento de Escolas de Paços de Brandão e aos alunos que ilustraram cada uma das histórias.

ficha técnica

Título

Objetos com Histórias
“Partilha, São Paio de Oleiros”

Autora

Sara Duarte Brandão

Participantes

António Ferreira Carvalho
Carla Maria da Costa Ribeiro
Carlos Alberto Oliveira Malta
Carlos Miguel Gomes Malta
Fernando José Gramaxo de Sampaio Maia
Gonçalo Furtado Mendonça
Joaquim Ferreira da Silva
José Carlos de Castro Amorim
José Manuel Alves Couto
Júlia Fernanda Gonçalves Costa
Maria Eduarda da Silva
Raúl de Matos Alves Latada
Susana Maria Vieira Almeida

Ilustrações

Alunos do 3.º ano do Agrupamento de Escolas
de Paços de Brandão

[Escola Básica de Outeiro, Rio Meão]

Professora

Eugénia Dias

Alunos

Alice Pinto Duarte
André dos Santos Rocha
António Reis Lopes
Carlota Marques Pinho
Diego Fernandes Anjos

Gabriel dos Reis Sabença
Gonçalo Sá Ferreira
José Pedro de Oliveira Soares
Josué Filipe Teixeira Godinho
Kethellyn da Costa Marques
Leonor Filipa Ferreira Pinto
Luana Couto Cruz
Mariana Oliveira Ribeiro
Mariana Simões Carvalho
Rafael Silva Almeida
Renata Pais Cunha
Rita Beatriz Gonçalves Dias
Rodrigo Araújo Silva
Salvador Santos Relvas
Simão Rodrigues de Almeida

[Escola Básica de Santo António, Rio Meão]

Professora

Luciana Marques

Alunos

António Santos Nogueira
Beatriz da Silva Cruz
Carolina Filipa Dias Castro
Diego Leite Castro
Diego Rodrigues Barros
Frederico Alves Marques
Gabriela Pereira Pinto
Gonçalo Resende de Melo
Guilherme da Silva Cruz
Letícia Isabel Reisinho Santos
Maria Inês Vida Pinto
Mateus Resende Costa
Melissa Alves Mendes
Miguel Ângelo Santos Silva
Miriam Milheiro Brito

Rodrigo Luís Mendes Santana
Tiago Santos
Tomás Gomes Pereira
Tomás Silva Luz
Vitor Rodrigo de Sá Ferreira

[Escola Básica de Igreja, São Paio de Oleiros]

Professora

Regina Madeira

Alunos

André Silva Freire
Anita Daniela Conceição Ferreira
Frederico António Leite Ferreira
Gabriel Xavier Gonçalves
Gianna José Rodrigues
Grazielly Letícia Pereira de Oliveira
Iara Gabriela Santos Maia
Joana Barbosa dos Santos Guimarães
João Pedro Meneses Silva Ferreira
Lara Steffany dos Santos Sousa
Leonor Leite Oliveira
Lourenço Fernandes Carvalho
Lourenço Francisco Vieira Gomes
Pedro Miguel Fonseca Andrade
Rafael Augusto Garcia de Moura
Rodrigo Manuel Teixeira Almeida
Santiago Feiteira Fidalgo
Santiago Rodrigues Oliveira

[Escola Básica de Igreja, São Paio de Oleiros]

Professora

Graça Santos

Alunos

Carlos Gabriel Silva Rodrigues
Dinis Silva Soares

Gabriel Sá Martins
Leonor Carvalho Pereira
Leonor Sousa Branco
Letícia Bastos de Sousa
Licínio André Pereira da Silva
Margarida Neto Reis
Marta Santos Oliveira
Mateus Amorim dos Santos
Melyssa Chelinho Corrêa
Mustapha Ayoub Nouma
Rita Pereira Alves
Salvador Couto Macedo
Santiago Pereira Mendes
Teresa Maria Alves Martins Ramos

[Escola Básica de Póvoa, Paços de Brandão]

Professora

Ana Silva

Alunos

Alice Manuel Ramalho Fontoura
Beatriz Magôlo Reis
Beatriz Oliveira Santos
Bernardo Pinho Moreira e Costa
Diego Miguel Ferreira da Rocha
Estêvão Trindade Rodrigues
Francisca Gonçalves Albergaria
Francisco da Silva Ferreira
Gonçalo Manuel Anastácio Ribeiro
Iris Rafaela Marques Costa
Jonas Moreira Santos
Luís Flávio Silva Oliveira Santos
Matias Amorim Soares
Matilde Reis Marques
Miriam Silva Sequeira
Nuno António Ribeiro Barros Martins Gomes

Rúben Daniel Rodrigues Coelho
Santiago Magôlo Reis
Yara Leoni de Castro Andrade

[Escola Básica de Igreja, Paços de Brandão]

Professor

Francisco Silva

Alunos

André Costa Ferreira
Bárbara Freitas Azevedo
Carminho Mendes Costa
Carolina Mendes Costa
Catarina Gomes dos Santos
Clara da Silva Rosas
David Luís Cunha Rocha
David Simão Vieira Moura
Dinis Moreira da Rocha
Érica Sofia Navega Tavares Pinto
Francisco da Silva Lopes
Gabriela da Silva Santos
Gustavo de Sousa Teniz
Joana Victória da Silva Dias
Leonardo Tamandaré Pinho
Maria Francisca Fernandes da Silva
Maria Miguel Pais Pinto
Mateus Augusto Martins da Conceição Vieira
Matilde da Silva Mendes
Mélanie Pinto de Sá
Raquel Santos Rocha
Salvador da Rocha Marinheiro
Sophie Isabel Carvalho Teixeira

[Escola Básica n.º 1 de Santa Maria de Lamas]

Professora

Rute Silva

Alunos

Bernardo Coelho da Rocha da Silva Marques
Eduarda Moreira Santos
Gabriel Cardoso da Rocha
Lara Isabel Soares Bastos
Leonardo Soares Oliveira
Leonor Pereira Pinto
Luís Pedro Sousa Rios
Margarida Silva de Resende
Margarida Sousa Ferreira
Maria Inês Rodrigues Leocádio
Miguel Cunha Oliveira
Rafael Oliveira Couto
Rita Filipa Silva Melo
Rui Miguel Barbosa Serrano
Vicente Maria Teixeira da Silva
Victória Ribeiro Herles
Francisco Assis Gaio

[Escola Básica n.º 3 de Santa Maria de Lamas]

Professora

Maria Luísa Fernandes

Alunos

Afonso Lourenço Seabra
Alícia Oliveira Sousa
Ana Filipa Rocha
Ariana Francisca Soares do Couto
Arthur Santos Silva Gabriel
Diego Duarte da Silva Rocha
Gabriela Ferreira Dias Alves
Guilherme Santos Silva
Isis de Oliveira Silva
João Paulo Ferreira Gomes
Leonardo Borges de Oliveira
Leonor Ferreira Mendes
Lourenço Santos

Maria Leonor Pinto Tavares
Martim Xavier Teixeira Magalhães de Lima
Nicole Melissa Oliveira Barbosa
Pedro Miguel Alves Regal
Rodrigo Santiago Pinto Tavares
Rúben Miguel Guedes Silva

Gestão | Coordenação

Manuela Coelho
Catarina Ferreira
Maria João Oliveira
Isabel Silva
Gabriela Maia
(Departamento de Desenvolvimento Social,
Saúde e Habitação)

Design Gráfico

Rute Serra
(DCRPI – Divisão de Comunicação, Relações
Públicas e Internacionais da Câmara Municipal
de Santa Maria da Feira)

Revisão de Texto

Mónica Magalhães
(DCRPI – Divisão de Comunicação, Relações
Públicas e Internacionais da Câmara Municipal
de Santa Maria da Feira)

Fotografia

Sofia Lima
Délio Sá
Dimas Pinto

Edição

Município de Santa Maria da Feira

Operação Individual Local (OIL) 2940
– Os Abraços que a Feira sabe dar

Plano de Ação das Comunidades
Desfavorecidas

Plano de Recuperação e Resiliência (PRR)

Entidade Promotora

Município de Santa Maria da Feira

Entidades Parceiras

Junta de Freguesia de São Paio de Oleiros
Agrupamento de Escolas de Paços de Brandão

Outras Entidades

Fórum Social da Freguesia de São Paio
de Oleiros

Impressão e Acabamentos

Sersillito – Empresa Gráfica, Lda.

Tiragem

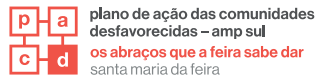
500 exemplares

Depósito Legal

546536/25

**Santa Maria da Feira,
março 2025**

© todos os direitos
reservados 2025





**Tempo de
Envolvimento
e Ação
em Rede**
Santa Maria da Feira